

Dívida externa — o País está atrasado em relação aos vizinhos

Igor Cornelsen *

No ano de 1991 a Argentina cresceu 6,5%, o Chile 6%, o México 4,5% e a Venezuela os eston-
teantes 9,2%. Em comum, eles abriram sua economia à competição externa, eliminaram controles burocráticos de preços e o déficit público, têm um acordo com o FMI e com a exceção da Argentina (que se prepara para negociá-lo) um acordo com os credores externos.



O Brasil, por outro lado, ainda tem alto déficit público em moeda corrente (com correção monetária e considerando-se o efeito da desvalorização cambial), alta proteção aduaneira e de custos burocráticos para importar (principalmente nos portos), ainda não tem um programa aprovado com o FMI (espero que o tenha em breve) e não conseguiu renegociar suas dívidas com o Clube de Paris e com os credores privados. Como consequência, sua inflação de 460% foi a mais alta da região e o crescimento econômico medíocre de 1%.

Para nosso consolo, em setembro os salários foram desindexados, as tarifas públicas passaram a ser corrigidas, o cruzeiro foi desvalorizado, os preços liberados e a privatização começou. A imagem externa, porém, ainda é péssima: a confusão com a privatização da Usiminas, o problema das aposentadorias, a dificuldade na aprovação do ajuste fiscal e a reabertura de bancos estatais falidos não ajudam.

A Nação está ficando claramente atrasada em relação a seus vizinhos e os dados são incontestáveis. Está na hora de Executivo, Legislativo e Judiciário se colocarem de acordo e reformarem as leis que geram as hemorragias nas contas públicas.

O Executivo, entretanto, necessita levar adiante a sua parte. É urgente um

acordo com os credores externos e com o Clube de Paris. As empresas brasileiras precisam voltar a comprar equipamentos financiados pelos Eximbanks e receber recursos internacionais a custos mais compatíveis como os do México.

Não faz sentido a demora do acordo com os credores externos por causa de US\$ 2 bilhões de garantias; o Brasil gerou mais do que isto em dezembro e outros US\$ 2 bilhões, provavelmente, em janeiro. Por outro lado, a dívida externa não é de US\$ 2 bilhões, parte importante foi comprada ou cancelada, mais de US\$ 6 bilhões são devidos a bancos brasileiros e a dívida em negociação, sem os juros e a parte de dinheiro novo, não ultrapassa US\$ 35 bilhões.

Se os negociadores forem criativos e melhorarem as condições dos bônus com garantia, os investidores internacionais compram dos bancos internacionais as dívidas velhas e as trocam por bônus sem garantia, reduzindo aquele valor.

Esse assunto está velho demais e já proporcionou espaço para muita demagogia. Sua abordagem incompetente nos últimos seis anos só desmoralizou a imagem do Brasil junto aos investidores internacionais e gerou a desconfiança dos brasileiros no seu próprio futuro.

Está na hora da solução definitiva, pois esta dívida é pequena demais em relação à capacidade do Brasil de atrair novas poupanças. Relativamente à população ou ao tamanho da economia, sempre foi inferior à dos países que citei anteriormente e que crescem rapidamente.

Se o Brasil quiser desatolar, deve resolver todas as pendências com seus credores nos próximos três meses, bem como ter um acordo com o FMI antes de meados de fevereiro; caso contrário, todo o esforço do segundo semestre de 1991 será desperdiçado.

* Diretor do Chartered WestLB Ltd.